

## O ABANDONO DE CRIANÇAS OS EXPOSTOS NOS FINAIS DO SÉC. XIX EM LEIRIA

*M. Emília da Rocha Pereira \**

O abandono de crianças em locais públicos, embora se verifique esporadicamente, constitui um fenómeno que merece a recusa do colectivo.

No entanto, foi em outras épocas hábito generalizado e aceite como inevitável a exposição de crianças.

Se recuarmos ao reinado de D. Afonso III, constatamos que sua mulher, D. Beatriz, com a criação do Collegium Orphanoum, já protegia crianças, embora não se soubesse se estas eram expostas. De igual modo, D. Isabel em 1321 funda a Casa de Santa Maria dos Inocentes em Santarém, primeiro estabelecimento português expressamente destinado à criação de enjeitados. Depois, com a Ordem Manuelina e difusão das Misericórdias, a recolha e criação de enjeitados toma um carácter obrigatório. No entanto, é com a Ordem Circular da Intendência da Polícia de 24/5/1783, criada por Pina Manique, que surge a obrigatoriedade dum estabelecimento em todas as vilas do país.

Este estabelecimento, segundo Pina Manique, deveria possuir um lugar (Roda) em que se pudesse expôr as crianças sem que se conhecessem as pessoas que as levavam.

A Roda, no séc. XVIII, já era conhecida como um mecanismo que consistia num cilindro giratório, aberto parcialmente e incrustado em posição vertical na parede da casa que recebia as crianças enjeitadas. A roda colocada com metade do bojo no interior da casa e metade no exterior, girando em torno do eixo vertical, levava dentro dela as crianças nela depositadas não permitindo ver os expositores.

No entanto a Roda não era conhecida só como um mecanismo, mas também denominava as casas destinadas a acolher expostos assim como as organizações de acolhimento e assistência à criança.

A Roda de Leiria, segundo informações orais recolhidas, ficava inicialmente na Misericórdia, hoje Hospital Distrital. Mais tarde teria passado para o Convento de S. Estevão, hoje Escola do Magistério Primário; segundo outros, uma casa que existiu junto à Igreja do Espírito Santo, também funcionou como local de exposição de crianças.

---

\* Aluna do Ensino Básico, variante Educação Visual, da Esc. Superior de Educação de Leiria.

O certo é que qualquer um destes locais ficava em lugar sadio e de fácil acesso, tanto de dia como de noite conforme determinava o regulamento da época.

Dos 29 casos de exposição recolhidos entre 1862/1866 no concelho de Leiria, 24 crianças foram expostas de noite, três ao entardecer, uma durante o dia e uma ao amanhecer, à porta de um particular.

Com estes dados conclui-se que as crianças foram depositadas na Roda ou à porta de particular e nunca em lugar ermo, o que revela um interesse pela sua sobrevivência.

As crianças expostas levavam consigo sinais que permitiam uma futura identificação, mostrando que não é correcto identificar um exposto com um bastardo, pois o exposto, filho de pais desconhecidos, pode ser ou não ilegítimo. Dele tudo se desconhece, é uma criança desenraizada dum tronco familiar e que simplesmente poderia vir a ser identificada mais tarde pelo que levava: roupa, bilhetes ou outros objectos facilmente identificáveis.

A preocupação do baptizar era notória neste período, havendo o cuidado da salvação eterna da alma destas crianças (e do seu futuro sobrenatural) demonstrada pelos familiares. Aliada à preocupação do baptizar estava o nome que estes pretendiam que a criança tivesse, na intenção de a reaver, o que facilitaria o seu reconhecimento. De igual modo se verifica a necessidade de saber para onde a criança vai, pedindo à rodeira para esta tomar conta do seu destino porque possivelmente em tempo procurariam a criança. Estes bilhetes, mesmo os mais simples e reduzidos, conseguem exprimir os sentimentos do expositor, misturando-se a angústia com sentimentos optimistas, ao afirmarem que recompensariam a ama que tratasse bem a criança. Mesmo que não existisse intenção de reaver a criança, com o que está escrito nestes bilhetes, é patente o medo que esta viesse a ser menosprezada. De igual modo, uma constante para identificação do exposto é o enxoval. No entanto, este também nos poderá dar a conhecer que as crianças pobres geralmente levavam roupas usadas ou velhas e em número reduzido, enquanto as crianças de um nível médio ou elevado levavam roupa em quantidade, nova e geralmente com pontos abertos e debruados a cetim.

O vestuário infantil, era composto por peças simples: saias, camisas, saiotes, baietas, casacos e lenços de três pontas. Estas peças eram de tecido de algodão ou chita, com predominância das cores vivas: vermelhos, azuis e verdes, sendo algumas das peças debruadas com cores contrastantes. Outros objectos mencionados em várias crianças são as fitas de cor, contas, missangas, fios, medalhas, etc., indicando que devem ser guardadas para quando a criança for procurada.

Embora em todas as crianças se verifique uma preocupação com uma futura identificação, dos 29 casos vistos só três raparigas e um rapaz foram entregues à mãe, duas raparigas adoptadas, nove completaram a criação e

foram entregues ao Juíz e catorze morreram antes de completar a criação.

Tendo em conta que as amas no período de aleitamento, geralmente juntavam duas crianças para amamentar, não é de estranhar que dos 29 casos 48% tenham morrido antes de completar a criação. Embora estes 29 casos não sejam muito significativos, existe uma percentagem elevada de mortalidade.

As amas, geralmente no dia a seguir à exposição da criança, tomavam conta desta, sendo registado o seu nome, profissão, naturalidade, estado civil e o vencimento que lhe era pago pela Câmara. O vencimento cessava logo que acabasse a criação, ou caso o exposto morresse, o que era muito frequente durante o período de aleitamento.

Como conclusão poderia dizer que a maior parte dos expostos foram abandonados durante a noite, o que demonstra a preocupação em esconder um acto ilícito na sociedade da época.

Havia preocupação de baptizar a criança, e de lhe dar um nome, a fim de possibilitar uma futura identificação, bem como em proteger a criança, evitando a sua morte, pela entrega a alguém que de algum modo se responsabilizasse pela sua sobrevivência.

NOME E N.º DO EXPOSTO	COLOCADA NA RODA DIA E HORA	PADRINHOS DE BAPTISMO	SELO DA AMA E MORADA DESTA	CONTEUDO DA MENSAGEM	DESTINO DO EXPOSTO
Florinda N.º 2	8/8/1862 18 horas	Jorge Neto (moço do côro) Teresa de Jesus (rodeira)	603 ———> liv. 5 M. de Jesus M. da Barosa	- Camisinha nova de algodão - Roupas Velhas	Foi entregue a mãe em 13/8/1862 Teve 1 ama
Maximino N.º 38	1/4/1863 8 horas	Miguel Pereira e Bernarda de Jesus	629 ———> liv. 5 Genoveva de Jesus Vidigal	- Bilhete a indicar nome e mensagem "Procurarei o meu filho para isso leva este sinal" (uma conta enfiada numa fita verde ao pescoço)	Faleceu em 2/4/1863
Ernesto N.º 57	10/9/1863 1 hora	Jorge Marques (padre) e Bernarda de Jesus	10 ———> liv. 3 M. Brigida de Jesus S. Carpalhosa	- Bilhete ———> pedido a D. Teresa (rodeira) para pôr o nome de Ernesto Fernandes e tomarem conta para onde ele vai criar- -se, pois este menino em tempo procurar-se-a	Completo a criação - foi entregue ao Juiz de Leiria em 25/1/1871 Teve 2 amas
Augusto N.º 70	13/1/1863 5 horas	Jorge Marques e Bernarda de Jesus	19 ———> liv. 6 M. de Jesus Pousos	- Bilhete a indicar nome - Roupas novas - Batinha debruada a róxo	Entregue a mãe em 10/12/1869 Teve 4 amas
Emerência N.º 83	23/1/1864 9 horas (co- locada a porta de particular)	Jorge Marques e Bernarda de Jesus	30 ———> liv. 6 M. Vitoria Amor	- Encontrada a porta de Maria Joupá, no lugar da Garcia, Marinha Grande, às 2 horas, embrulhada numa fralda de paninho velho, único objecto de vestuário	Entregue a mãe Caelana de Sousa Bolero, da Garcia, fre- guesia da Marinha Grande em 25/1/1871 - Teve 3 amas
Helena N.º 118	13/8/1864 23 horas	José Neto e Bernarda de Jesus	53 ———> liv. 6 Jacinta de Jesus Marrazes	- Bilhete a indicar que deve ser colocada na Roda de Leiria e o nome a pôr a criança - Conta de ouro na orelha	Adoptada por Violante de Ja- sus do Lugar das Cortes, que se obrigou a acabar a criação de graça em 9/9/1864
M. da Encarnação N.º 114	13/11/1864 2 horas	José Neto e Teresa de Jesus	69 ———> liv. 6 M. Teresa Carvide	- Bilhete dirigido à rodeira (deve chamar-se M. da Encarnação e é aquela que em tempo se lhe falou e roga a Sr.ª D. Teresa o favor de ficar com o bilhete para em tempo poder reclamar).	Completo a criação - foi entre- gue ao Juiz de Leiria 22/9/1872 Teve 2 amas
Joaquina N.º 157	12/1/1865 7 horas	José Neto e Eugénia de Jesus	77 ———> liv. 6 Clemência de Jesus Pousos	- Bilhete meido numa bolsa pequenina encarnada debruada a veludo verde e presa ao pescoço da criança por um requite verde, dizendo que a criança se deveria chamar Joaquina e saber onde se vai pôr a criar. A ama em tempo será gratificada.	Faleceu em 20/8/1866
António N.º 59	4/1/1866 18 horas	José Neto e M. Rosa Vinalo (Rodeira)	129 ———> liv. 6 M. Custódio Pousos	- Bilhete a indicar o nome, nasceu às 6 horas e não foi baptizado e há-de ser entregue na Roda de Leiria, quinta-feira 4/1/1866 - Enxoval transcrito no próprio bilhete	Faleceu em 19/1/1866